Capítulo XV — Evangelização apostólica das Gálias em particular

> **Sumário.** Oposições de alguns críticos modernos, insensatas e malsãs. — A Gália cristã, filha dos Apóstolos. — A França, uma das primeiras a conhecer o cristianismo. — Provas de razão. — Palavras de Tertuliano. — Testemunho de Taraud. — Nulidade dos textos de Gregório de Tours e de Sulpício Severo. — O Breve de Paris. — Nota de Barônio.

Depois das provas da evangelização apostólica do globo inteiro, *in universo orbe*, pode, com razão, parecer supérfluo produzir razões particulares para assegurar a mesma glória às igrejas das Gálias; não é assim. Sob pretextos que examinaremos em breve, críticos modernos e críticos franceses obstinam-se em negar a evangelização da França pelos apóstolos em pessoa, ou pelos companheiros de seu apostolado.

Insensatas e malsãs são as suas pretensões.

Insensatas: não repousam em fundamento sólido algum, e opomos-lhes uma negação radical. A verdade é, 1º, que na França a fé remonta aos primeiros dias da igreja nascente. A exemplo de suas irmãs do Oriente e do Ocidente, a Gália pode dizer com toda a segurança: Eu também sou filha dos apóstolos. Não sou filha póstuma, conheço a minha genealogia. Como o de minhas irmãs, minha certidão de batismo data da época decorrida entre a cruz do Calvário e a ruína de Jerusalém.

A verdade é, 2º, que, depois da Palestina, a França, a primeira talvez, conheceu o cristianismo; quero dizer, foi seriamente informada do nascimento de Nosso Senhor e dos milagres que resplandeceram em torno de seu berço: venhamos às provas.

Perguntamos primeiro a nossos críticos jansenistas e galicanos: Onde vistes que, ao anunciar a pregação do evangelho por toda a terra, antes da ruína de Jerusalém, Nosso Senhor tenha dito: Este evangelho será pregado em todo o universo, *in universo orbe*, exceto nas Gálias?

Onde vistes que são Paulo, anunciando em duas ocasiões diferentes, no ano 58 e no ano 60, que o evangelho dera a volta ao mundo, tenha posto esta restrição: Exceto nas Gálias?

Com que direito pondes às palavras do Filho de Deus e dos apóstolos um limite que não existe e que nem a Escritura nem os Padres jamais ali acharam?

Com que autoridade vos permitis excluir as Gálias do benefício da evangelização apostólica? Eram as Gálias um canto de terra desconhecido? Não eram, ao contrário, uma das partes mais consideráveis e florescentes do mundo antigo? Não formavam um conjunto de nações muito conhecidas e muito temidas? Não estavam às portas de Roma, morada de são Pedro, especialmente encarregado de formar o imenso aprisco de que era o chefe?

E durante vinte e cinco anos são Pedro teria permanecido em Roma de braços cruzados, em frente das Gálias, diariamente frequentadas pelos Romanos, sem vir ele mesmo ou sem enviar um só missionário! E entre os outros apóstolos ou os setenta e dois discípulos, que visitaram os povos mais obscuros e mais remotos da África, da Europa e da Ásia, nenhum teria tido o pensamento de evangelizar as Gálias!

Pôr tais perguntas não é resolvê-las?

Aliás, nos testemunhos dos Padres, notadamente santo Irineu e Tertuliano, as Gálias, e todas as Gálias, não são nomeadas entre as nações chamadas primitivamente à fé? Enfim, nossas antigas tradições não são unânimes em fazer remontar a origem de nossas grandes igrejas até os apóstolos?

Para fechar a boca a seus detratores, a França pode, pois, dizer-lhes o que a própria Igreja diz aos hereges:

> *Quem sois? Quando e de onde viestes? Que fazeis em minha casa, não sendo meus? Com que direito, Marcião, cortais a minha floresta? Quem vos autoriza, Valentim, a desviar os meus canais? Quem vos dá o poder, Apeles, de deslocar os meus marcos? A posse é minha: por que vindes aqui, todos tantos que sois, semear e pastar em meu campo?*

> *A posse é minha; possuo há muito tempo; possuo primeiro; tenho títulos certos, assinados pela mão dos primeiros possuidores: sou herdeira dos apóstolos.*[1]

Essa gloriosa pretensão é bem fundada. Escutemos primeiro um venerável órgão de nossas antigas tradições.

> *Não achamos um só dos antigos bispados das Gálias que não tenha tido por fundador algum discípulo de Jesus Cristo ou dos apóstolos. São Paulo, passando*

> *à Espanha, deixou Trófimo em Arles; são Pedro enviou a Bourges são Ursino, que fora leitor na última ceia, em que Nosso Senhor instituiu o Santíssimo Sacramento; são Marcial a Limoges, que pregou também aos de Bordéus, de Toulouse, de Cahors e da Aquitânia.*

> *Crê-se que é dele que santo André disse a Nosso Senhor, no deserto, que havia um menino que trazia cinco pães e dois peixes, e que ressuscitou um morto com o bastão que são Pedro lhe dera.*

> *Em Colônia, são Materno, o filho único da viúva de Naim, ressuscitado por Nosso Senhor. Em Tréveris, são Eucário; em Châlons, na Champagne, são Mêmio; em Reims, são Sisto; em Orléans, santo Albino, um dos setenta e dois discípulos.*

> *O cristianismo teve grandes progressos na Gália sob os imperadores Galba, Otão, Vitélio, Vespasiano, Tito, Domiciano, Nerva, Trajano, graças aos cuidados dos pregadores que são Pedro para lá enviara.*

> *São Clemente, seu sucessor na cátedra, continuou a obra que seu mestre começara e enviou a essas províncias vários discípulos de Nosso Senhor, e quase todos os grandes homens que faziam profissão de cristianismo, para trabalhar na instrução do povo, o mais dócil que há no mundo.*

> *Em Lyon, são Potino; em Tours, são Graciano; em Ruão, são Nicásio; no Mans, são Juliano com Simão o Leproso. São Dionísio, o Areopagita, viera de Atenas com seus companheiros: Eutrópio, Régulo, Jonas, Rústico e Eleutério. São Clemente o enviou às Gálias e lhe deu outros quatro companheiros: Sanctino, Tautino, Luciano e Eugênio, também chamado Marcelo, a maior parte cidadãos romanos.*

> *São Dionísio chega à Provença com a sua querida tropa, que vinha de Roma, da Ásia, da Grécia e da Palestina, para desarraigar a idolatria e pregar o evangelho*

> *na Gália. Em Arles, informou-se do estado da Igreja, dos costumes e dos ensinamentos que seu mestre são Paulo dera aos habitantes dessa cidade.*

> *Deixou ali Régulo ou Rieul para governar essa igreja, que não tinha pastor, tendo Trófimo já falecido. Ele mesmo continuou o seu caminho e dispersou seus discípulos segundo a necessidade.*[2]

No entanto, depois de uma posse pacífica de mais de quatorze séculos, homens que se julgavam tanto mais hábeis quanto mais desdenhosos vieram contestar às igrejas das Gálias, à de Paris em particular, os seus títulos originários e escarnecer de suas tradições. Graças ao espírito de denegrimento que então soprava sobre a Europa, conseguiram formar uma escola de negadores. Recrutada sucessivamente entre os protestantes, os jansenistas, os galicanos, os racionalistas, todos filhos de sua educação pagã, essa triste escola contava ainda, nestes últimos tempos, alguns representantes retardatários.[3]

Votados ao nobre ofício de caçadores de santos, mestres e discípulos acharam bom decapitar nossas igrejas e deixar as Gálias sepultadas, até meados do século III, nas trevas do paganismo, enquanto o resto do mundo gozava havia muito da luz do evangelho. Em que apoiavam essa pretensão, assaz pouco patriótica? Em dois textos isolados: um de Sulpício Severo, outro de Gregório de Tours.

Deter-nos em discutir esses textos e refutá-los seria recomeçar um trabalho feito por vinte autores, e bem feito.[4] Bastar-nos-á dizer: 1º que o texto de Sulpício Severo foi mal traduzido, e isso conscientemente e no interesse da causa; 2º que o texto de Gregório de Tours foi interpolado; 3º que, supondo-os bem traduzidos e não interpolados, esses textos nada provam contra a apostolicidade imediata de nossas igrejas, visto que estão em contradição com o senso comum, a autoridade dos Padres, os fatos mais brilhantes da história e o testemunho de todas as nossas tradições. Eis o que demonstraram com incontestável evidência os autores que acabamos de nomear e os doutos companheiros de seus trabalhos.[5]

Há trezentos anos, Barônio encerrava, com estas palavras, boas de recordar, a discussão sobre a autoridade de Gregório de Tours em particular e, por conseguinte, a de Sulpício Severo e dos hipercríticos, todos a cavalo sobre esses dois autores:

> *Quanto ao texto de Gregório de Tours, que põe no século III a missão de são Dionísio a Paris e que se opõe a toda a tradição: esse texto é tão verdadeiro quanto aqueles em que esse autor recua para a mesma época a missão de são Trófimo a Arles, de são Paulo a Narbona, de são Marcial a Limoges, que foram todos enviados pelos apóstolos, como atestam claramente os atos e os antigos martirológios. Que Gregório me perdoe: não se enganou somente sobre os*

> *tempos antigos, mas também sobre as coisas de sua época, como frequentemente demonstrei.*[6]

Notas

[1] *Qui estis? quando et unde venistis? quid in meo agitis non mei? quo denique, Marcion, jure sylvam meam caedis? qua licentia, Valentine, fontes meos transvertis? qua potestate, Apelles, limites meos commoves? Mea est possessio, quid hic caeteri ad voluntatem vestram seminatis et pascitis? Mea est possessio, prior possideo, habeo origines firmas ab ipsis auctoribus quorum fuit res: Ego sum haeres apostolorum, etc.* Tertuliano, *De praescriptione haereticorum*, c. XXXVII.

[2] Taraud, *De l'état des Gaules*; ver também: *Vie de saint Martial*, pelo padre Boaventura de Santo Amável, 1ª parte, liv. VI; *Chronique de Verdun*, por Hugo de Flavigny; *Annales d'Avignon*, por Bordoni, arquivista dessa cidade; Dupleix, *Histoire de Clovis*; Gabriel du Préau, *Histoire de Pépin*; Pamélio, em Tertuliano, *Contra os Judeus*, c. VII, etc.

[3] O mais judicioso dos críticos, o padre Honorato de Santa Maria, prova que os críticos modernos muito frequentemente fizeram regras a seu bel-prazer, que as observaram ou negligenciaram segundo os seus caprichos e que, por conseguinte, faz-se muito bem em rever vários de seus juízos. *Réflexions sur les règles et l'usage de la critique*, t. II, p. 7.

[4] Ver entre outros: Hugo Ménard, *Diatriba in Sulpicium Severum*; o padre Boaventura de Santo Amável, *Apostolat de saint Martial*; o sr. Faillon, *Monuments inédits de l'apostolat de sainte Madeleine*, etc.; o padre Arbellot, *Sur saint Martial*; os srs. Davin e Darras, *Vie de saint Denys l'aréopagite*, etc. Quando, há alguns anos, a diocese de Paris voltou à liturgia romana, apresentou-se o novo Próprio à aprovação do soberano pontífice. Pio IX mandou apagar das lições o que parecia contrário ao apostolado de são Dionísio, o Areopagita, como primeiro bispo de Paris. «A Igreja católica, disse ele, jamais conheceu senão um são Dionísio, missionário nas Gálias, o que foi discípulo de são Paulo e a quem deveis o dom da fé.» Tal foi também a constante tradição da França, visto que a igreja de São Luís dos Franceses, em Roma, construída no fim do século XVI, é dedicada à santa Virgem, a são Dionísio, o Areopagita, apóstolo de Paris, e a são Luís, rei da França.

[5] Ver: *De l'autorité de Grégoire de Tours*, pelo sr. Lecoy de la Marche, da Escola de Cartas.

[6] *Quod autem praedictis omnibus de Dionysio, ex Gregorio Turonensi opponitur, quod dicat in Historia de gestis Francorum, tit. I, cap. X, sanctum Dionysium missum esse Parisios temporibus Decii: id quidem tam verum est quam quod asserit Trophimum Arelatem, Paulum Narbonam, et Martialem Lemovium, eisdem Decii temporibus missos in Galliam: quos omnes liquido constat ab apostolis illuc esse directos, prout acta et antiqua Martyrologia attestantur. Pace Gregorii dixerim, ipsum non tantum in tam remotis, sed in his etiam quae suorum sunt temporum aliquando esse hallucinatum, saepe superius ostensum est.* Barônio, *Anotações ao Martirológio*, 9 de novembro.

Revision #1
Created 22 November 2026 15:19:38 by Admin

Updated 22 November 2026 15:33:55 by Admin